



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



# REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 5 – Nº 11 - Janeiro - Junho 2010

Semestral

*Artigo:*

## **O GLOBAL E O LOCAL: ECOLOGIAS POSSÍVEIS**

*Autores:*

Consuelo Piaia<sup>1</sup>  
Luciane Bordignon<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e professora do Instituto Educacional do Alto Uruguai. E-mail: Consuelo@ideau.com.nbr

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação e professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: luciane@itake.net.br

## O GLOBAL E O LOCAL: ECOLOGIAS POSSÍVEIS

**Resumo:** Este artigo busca compreender a educação no contexto da globalização e da era da informação, tendo como pressuposto as contribuições de Boaventura de Souza Santos. Este autor acredita que as organizações e ou as experiências que ocorrem em âmbito local podem ser contra ponto à globalização hegemônica, sendo estas, portanto, contra hegemônicas. Por meio de questionamentos busca elementos teóricos que problematizem a sociedade Ocidental moderna, mais especificamente a racionalidade predominante nas relações sociais e institucionais. Destaca a proximidade da educação com a cidadania, não que a educação possa ser vista como a única solução possível, mas como uma alternativa concreta diante de uma realidade que exclui e oprime grande parte da população. O texto finaliza apontando a responsabilidade de todos nas questões educacionais, a necessidade da continuidade das políticas públicas educacionais, tendo como norte o passado e assumindo escolhas e decisões no presente.

**Palavras chave:** Boaventura de Souza Santos, globalização, cidadania.

**Abstract:** This article searches to understand the education in the context of the globalization and the age of the information, being had as estimated the contributions of Boaventura de Souza Saints. This author believes that the organizations and or the experiences that occur in local scope can be against point to the hegemonic globalization, being these, therefore, against hegemonic. By means of questionings he searches elements theoretical that problematizem the society modern Occidental person, more specifically the predominant rationality in the social and institucional relations. He detaches the proximity of the education with the citizenship, not that the education can be seen as the only possible solution, but as a concrete alternative ahead of a reality that excludes and oppresses great part of the population. The text finishes pointing the responsibility of all in the educational questions, the necessity of the continuity of educational the public politics, having as north the past and assuming choices and decisions in the gift.

**Keywords:** Boaventura de Souza Saints, globalization, citizenship.

*“O ser humano aprende a ser humano, aprendendo as significações que os outros humanos dão à vida, à terra, ao amor, à opressão e a libertação...” (Paulo Freire).*

A globalização se tornou um fenômeno mundial, infiltrando-se em grande parte dos países trazendo novos contornos às relações humanas. Algumas mudanças são cada vez mais rápidas e intensas, e os impactos desse processo são sentidos diariamente. A realidade local perde espaço para uma cultura globalizada na qual um padrão de comportamento, de racionalidade e de modo de vida se torna dominante. Nesta direção é possível perceber as globalizações sob vários aspectos. Observando sob um viés, a globalização da tecnologia digital, é uma fonte de comunicação e informação em tempo real, mas a essência da globalização econômica em vigor no sistema capitalista são as relações desiguais.

Para Boaventura de Sousa Santos<sup>3</sup>, o mundo está dividido em países dominantes (centrais)<sup>4</sup>, onde grande parte da população tem acesso aos conhecimentos científicos e não científicos, as informações, a saúde, a educação e em países dominados (periféricos)<sup>5</sup>, onde grande parte da população é excluída desses conhecimentos. Neste sentido, percebemos uma acentuada fragmentação do coletivo e um descaso com o valor da vida humana, mas essa realidade não é homogênea. Em nossa sociedade, marcada por enormes desigualdades sociais “naturalizadas”, coexistem movimentos de resistência que estão nos localismos globalizados<sup>6</sup>.

Este autor, em seus escritos, permite a reflexão sobre vários aspectos na dimensão das ciências sociais. Neste sentido, estabelece a sociologia das emergências<sup>7</sup> (criação das possibilidades) e das ausências (resgate da experiência) e a globalização contra-hegemônica através de iniciativas locais dos grupos sociais. Procura valorizar as experiências humanas, contrapondo-se ao seu desperdício. Defende a idéia de que a sociedade repense o que está ocorrendo hoje, como consequência de suas ações e de uma renovação da ciência. Acredita no cuidado, nas consequências das atitudes. Traz a idéia de monocultura<sup>8</sup> (onde o residual é o resultado) que se ramifica e propõe um contra ponto que são as ecologias.

## **Da racionalidade instrumental a outras racionalidades e tempos**

Somos influenciados, às vezes, inconscientemente, por um conjunto de entendimentos considerados válidos e racionais. Qual é a racionalidade<sup>9</sup> que se tornou hegemônica na sociedade capitalista? Como ela se manifesta na escola? Para Santos (2004), a racionalidade predominante na sociedade ocidental, a qual se impregna na epistemologia<sup>10</sup> que domina a

---

<sup>3</sup> Boaventura é doutor em sociologia do direito e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, *Distinguished Legal Scholar* da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e *Global Legal Scholar* da Universidade de Warwick. É também diretor dos Centro de Estudos Sociais e do Centro de Documentação 25 de Abril, e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa - todos da Universidade de Coimbra. Participou da edição de três edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre.

<sup>4</sup> Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha...

<sup>5</sup> Brasil, Índia, Moçambique,...

<sup>6</sup> Expressão usada por Boaventura de Souza Santos, quando se refere às interferências do processo de globalização no local.

<sup>7</sup> Sociologias das emergências e das ausências estão elucidadas por Boaventura de Souza Santos, no livro *Crítica à Razão Indolente, contra o Desperdício da Experiência*.

<sup>8</sup> Boaventura de Souza Santos faz uma analogia entre monocultura e ecologia. Monocultura significa acabar com a diversidade e unificar. Ela produz a não existência. Já a ecologia é o reconhecimento das diferenças.

<sup>9</sup> Usualmente o conceito de racionalidade refere-se à forma de “auto-definição” cultural de um povo, reportando-se também à identidade do mesmo, tendo em vista a razão que conduz o pensar e o agir de um povo; em especial está relacionada à maneira de pensar e agir da sociedade ocidental. (EDGAR, 2003, p. 275)

<sup>10</sup> Termo que designa a disciplina que “toma as ciências como objeto de investigação”, tentando fazer a crítica ao conhecimento científico, à filosofia das ciências e à história das ciências. (JAPIASSÜ, 1996, p. 84-85)

ciência moderna, é a razão indolente que se tornou o referencial único na definição dos critérios de verdade que prevalece nas relações entre os indivíduos. Esse modelo de racionalidade alimenta a percepção de um tempo linear e, com ele, a projeção de um futuro automático, que contém, em si, a gênese do progresso e “a idéia que o passado se repete no futuro” (SANTOS, 2000, p. 64). Nas palavras de Leonardo Boff

No imaginário dos fundadores da sociedade moderna, o desenvolvimento movia-se dentro de dois infinitos: o infinito dos recursos naturais e o infinito do desenvolvimento rumo ao futuro. Esta preposição se revelou ilusória. Os recursos não são infinitos. A maioria está se esgotando, principalmente a água potável e os combustíveis fósseis. E o tipo de desenvolvimento linear e crescente rumo ao futuro não universalizável. “Portanto não infinito.” (1999 p. 28).

Walter Benjamin revela em suas obras uma percepção, e mesmo uma sensibilidade, relacionada à projeção do futuro para qual a modernidade nos remete; tal preocupação está registrada, de forma singular, na sua interpretação acerca do quadro de Klee:

Há um quadro de Klee que se chama *Ângelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e a dispersa sobre nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Esta tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (1996, p. 226)

A crítica presente em suas palavras representa uma preocupação relacionada à desvalorização do passado e a uma supervalorização do futuro que representa o progresso e o desenvolvimento. Nessa era, que é o presente, a competitividade ocupa o posto que, no início do século XX, correspondia à idéia do progresso (SANTOS, M., 1996, p.35). Segundo Milton Santos, a humanidade vive um tempo de paradoxos, no qual a aceleração contemporânea é resultado da “banalização da invenção, resultando em acelerações superpostas, concomitantes [...] Daí a sensação de um presente que foge” (1996, p. 30), concomitante com tempos, espaços e interesses hegemônicos, mas não homogêneos. Somos projetados para um tempo futuro que não sabemos, com certeza, como será e, até mesmo, se virá. Acreditamos que o conhecimento sobre o passado é fundamental para a humanidade, mas será que as nossas gerações de crianças, de jovens e mesmo de adultos possuem esse entendimento? Quais os

instrumentos e mecanismos que incidem e contribuem para a construção de uma visão linear do tempo?

Em muitos espaços onde a educação acontece, o passado é secundário e representa, geralmente, o que não serve mais, o descartável. Diferentemente dessa visão, acreditamos que o tempo passado e o presente são uma fonte de precioso aprendizado, e que um olhar mais alargado às diferentes experiências e aos sujeitos que geralmente são menosprezados – e, de certa forma, mostram-se resistentes à homogeneização cultural –, pode revelar a multiplicidade de possibilidades de novas relações sociais. Esses saberes, experiências e sujeitos podem e devem deixar de ser relegados à sombra. Instituições que procuram agir dentro de uma outra lógica que privilegie o local, sua diversidade e potencialidade podem oferecer novos aprendizados e situações que favoreçam a mudança de mentalidade a partir de sua localidade.

Benjamin, ao referir-se à História, escreve que “somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado” (1996, p.223). Para Santos, a racionalidade dominante ao diminuir o tempo presente e alargar o tempo futuro, reduz muitas experiências e muitos movimentos do tempo presente, na medida em que são considerados inválidos pela racionalidade vigente (2007, 26-27). Embutida nessa racionalidade está a idéia do produtivo, do superior, do dominante, do global, do tempo linear e da ciência moderna como única forma de saberes válidos. Experiências perdem-se em um tempo em que onde o presente é cada vez menor e mais fugaz. Nessa racionalidade cabem as experiências que estimulem a concorrência, e este espaço está garantido ao vencedor que, meritocraticamente, alcançou um lugar e o reconhecimento. O tempo presente tem em vista o amanhã. O amanhã é uma decorrência linear e automática. Experiências recheadas de outros princípios que não se encaixam nessa ótica são inferiorizadas e silenciadas.

Assim, privilegiam-se experiências, grupos e países que dominam esses conhecimentos e que se adaptam a esse molde. Quantos às outras experiências e aos movimentos que fogem dessa lógica homogeneizadora, estes são vistos como não existentes ou são silenciados, através do que Santos denomina de sociologia das ausências: “trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe” (SANTOS, 2004, p.786).

O descrédito a outras formas de conhecimento dá-se, também, pelo fato de que essa racionalidade não tolera outra forma de racionalidade senão ela mesma. São, assim, facilmente incorporados estereótipos e padrões gerais que desqualificam o diferente. Sob a

idéia de que a liberdade e a oportunidade existem para todos, ou para a maioria, e que em um futuro próximo poderá se desfrutar, meritocraticamente, das benesses do capital, sufocam-se as inquietudes e legitima-se a ordem instituída. O silenciamento desses conhecimentos é facilmente percebido em muitos momentos e espaços, em especial, e de forma poderosa, na escola.

Muitos são os mecanismos de silenciamento e muitas são as marcas deixadas pelas práticas institucionalizadas em espaços de educação formal, o que, entretanto, nem sempre é perceptível ao coletivo e ao mediador responsável pela orientação do grupo de educandos:

“Não há uma maneira única ou unívoca de não existir, porque são vários as lógicas e os processos através do qual a razão metonímica produz a não existência do que não cabe na sua totalidade e no seu tempo linear. Há produção de não existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível. O que une as diferentes lógicas de produção de não existência é serem todas elas manifestações da mesma monocultura racional” (SANTOS, 2004, p. 787).

Na perspectiva desse autor, a razão metonímica é uma das formas dessa racionalidade e sua principal característica é a monocultura, ou seja, repete sempre as mesmas coisas e arrasa qualquer experiência alternativa. É a reprodução do que é hegemônico, produzindo um epistemicídio: a morte dos conhecimentos alternativos (SANTOS, 2007, p. 29). A monocultura elimina o olhar sobre o outro, o diferente, sobre as outras formas de saber, de pensar e de ser. É aquela que desenha os indivíduos, sufoca a possibilidade de novas e diferentes epistemologias. A sociologia das ausências é imposta por uma razão indolente que nos dá respostas prontas e imediatas.

Nas diversas obras de Boaventura de Sousa Santos, há um esforço para a construção de uma nova epistemologia, através da qual seja possível uma nova ótica que abra caminhos para a afirmação da multipluralidade e da participação coletiva de processos de reinvenção da emancipação social. É um olhar de baixo, crítico, que provoca a desacomodação, o pensar e a ação-reflexão. Desafia-nos a dialogar, discutir e construir, coletivamente, propostas que se diferenciam das que hoje são postas de modo exclusivo sob a ótica do capital. Propõe olhar experiências que se realizam, nos mais diferentes contextos, mas que estão especialmente no local, em nosso cotidiano, e que não possuem apenas a conotação do convencional e da uniformidade como parâmetros.

É necessário combater o *desperdício* da experiência do tempo presente e recolocar o passado como um tempo válido e indispensável tanto para o presente quanto para o “cuidado”

com esse presente e com o futuro, ambos tão ameaçados em nossos dias. Ao evidenciar e provocar o exercício do pensar, Santos levanta uma questão central para tentarmos entender a maneira pelo qual se dá o domínio da epistemologia da ciência moderna. Afinal, por que ela se torna o único modo de entender e perceber o mundo e tudo o que este contém e, principalmente, a única forma de refletir as inúmeras significações e representações desta monocultura sobre a humanidade? Além disso, é indispensável entender algumas formas através das quais a monocultura do saber se impõe. Como pensar e agir de forma diferente tendo em vista a hegemonia desta racionalidade que, sistematicamente, provoca a redução do nosso olhar sobre o mundo?

Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*,<sup>11</sup> faz uma crítica à epistemologia da ciência moderna, que, ao etnicizar o ser humano, o objetualiza, através de uma racionalidade instrumental<sup>12</sup>, que reduz o método à técnica. Ainda, para Heidegger, a forma de buscar a verdade é o “desvelamento” do oculto no que é dito, procurando o que não foi dito e que está implícito nas falas e/ ou nas entrelinhas<sup>13</sup>.

## ALGUMAS POSSIBILIDADES LOCAIS CONTRA HEGEMÔNICAS

Algumas experiências locais contra hegemônicas existem em diferentes localidades, mas nem sempre são valorizadas. Para Boaventura é possível pontuar algumas possibilidades contra hegemônicas<sup>14</sup>, que ocorrem na dimensão local e para este autor, uma das alternativas é o Fórum Social Mundial que é um contraponto ao Fórum Econômico Mundial.

De acordo com Santos<sup>15</sup>

o universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum a dignidade humana. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos direito de ser iguais quando a diferença não inferioriza e direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. Já passamos o momento preliminar de mobilização, que se consolidou a partir de 1999 com o movimento de Seattle, seguido por Bangkok, Praga, Montreal, Washington, Davos, Gênova...

---

<sup>11</sup> Discussão feita com base no texto “Hermenêutica e método em ser e tempo” (DALBOSCO, 2005), na disciplina Teorias da Educação, no segundo semestre de 2006.

<sup>12</sup> Para Japiassu, “Webber identifica a razão instrumental com o capitalismo, o desenvolvimento da técnica e da sociedade industrial”. (1996, p. 228)

<sup>13</sup> Temática discutida a partir da obra: “Hermenêutica e método em ser e tempo”, conforme Dalbosco (2005), na disciplina de Teorias da Educação, no segundo semestre de 2006.

<sup>14</sup> Segundo Boaventura de Souza Santos, a hegemonia é racional, uma verdade absoluta, levada a cabo pelos grupos dominantes. A contra hegemonia são saberes práticos e sociais, levada a cabo por grupos sociais e classes de dominados ou subordinados.

<sup>15</sup> Texto extraído da entrevista de Boaventura de Souza Santos a Immaculada Lopez, da redação do Sem Fronteiras, disponível em endereço eletrônico.

Todas essas mobilizações aconteceram nos países do Norte, contra reuniões de organizações internacionais e muito dominadas pelas agendas dessas reuniões. Nesse sentido, o Fórum Social Mundial, de Porto Alegre, representou um marco: foi o primeiro no Hemisfério Sul, num país “em desenvolvimento”, organizado não contra algo, mas a favor de uma alternativa. O melhor sinal disso tudo foi que, com 4 mil delegados e mais de 10 mil participantes, Porto Alegre teve uma violência quase zero se comparada com Davos, na Suíça, ou Gênova, na Itália. Foi uma grande demonstração do que é um debate civil propositivo. Muitas propostas foram apresentadas e serão consolidadas nos próximos fóruns. Acredito que estejamos na fase inicial de um grande processo.

Enquanto o Fórum econômico mundial representa a hegemonia (com a participação de políticos, banqueiros, empresários...), sendo realizado nas montanhas suíças, o Fórum Social Mundial reuniu em Porto Alegre, grupos contra hegemônicos, que representavam a mobilização da sociedade civil, através de sindicatos, ONGs, associações, movimentos sociais...com o objetivo de mostrar que um novo mundo é possível. Nas palavras de Marcuse

é grandioso que uma conferência como esta designe a si própria a tarefa de clarificar a possibilidade de uma forma alternativa de globalização, não uma globalização capitalista, mas uma globalização humana. Dos três componentes da globalização capitalista, nós não somos contra o progresso tecnológico, mas apenas contra o modo como ele é usado; somos realmente contra o aumento da força do capital, seja ele global, nacional ou local; e não somos contra o comércio intensificado entre as nações, a não ser que ele esteja em termos desiguais ou infrinja os direitos da população de cada país na determinação das suas próprias políticas e do seu próprio destino (2001, p. 179).

No Fórum Social Mundial é possível perceber as alternativas construídas, bem como as resistências existentes. A proposta em 2010 foi de estimular a organização fóruns temáticos e regionais para debater alternativas para a crise.

Na obra de Boaventura, a maior explicitação no que tange à educação refere-se as instituições de ensino superior, porém, quase todos os seus escritos servem à educação em geral. Brandão observa que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação”. (1995, p. 8). Com as contribuições de Boaventura de Souza Santos, é possível olhar com profundidade a sociedade, analisar a sua realidade e interpretar o presente, encontrando possibilidades de alternativas para as questões educacionais. É possível também refletir sobre a responsabilidade das instituições de ensino e pesquisa, enquanto mediadora, fazendo aproximações, através do diálogo, entre o conhecimento científico e o senso comum, bem como o compromisso social



com os grupos populares. Também cabe a estes estabelecimentos redimensionar a sua importância na formação de professores (que estes tenham clareza de seus propósitos quanto à humanização, a vida e o seu papel na construção de um mundo melhor) como também, uma nova reflexão sobre as políticas educacionais que passam por esta instituição.

Por fim, a escola. Esta instituição pode levar o educando a realizar outras leituras de mundo, demonstrando ser possível, ao estabelecimento educacional, semear outros olhares, e demonstrando resistência diante de um modelo educacional hegemônico. É um olhar de baixo. Ousamos dizer que a escola pode constituir-se em uma contra-hegemonia, na medida em que conseguir desglobalizar o local e ampliar “a diversidade das práticas sociais ao oferecer alternativas ao globalismo localizado” (SANTOS, 2004, p. 792).

O elemento central que possibilitaria que a escola ser semente de contra-hegemonia reside em seu potencial transformador. Compreender que as realidades do nosso mundo são produtos da ação humana é um caminho possível na busca da transformação. Soma-se a isso o imperativo que se assenta na estruturação de um processo educativo de mudança de atitudes e de concepções, o qual sinaliza para uma nova cultura política a ser construída pelos diferentes sujeitos sociais e nos diferentes lugares onde se processa a educação, em especial na escola pública.

A educação formal precisa problematizar o contexto, o mundo, a história. Quem olha, olha sempre de um determinado lugar. É importante analisar a escola enquanto espaço do saber e de formação humana, potencializando processos pedagógicos que apontem para – e valorizem – experiências, permitindo a emergência da criticidade e criatividade nos processos educacionais.

Sabendo que a observação do mundo é ponto de partida para a compreensão que se faz do mesmo, é necessário colocar o ser humano no centro do processo ensino e aprendizagem, sempre aberto e em movimento, transformando-se na ação e reflexão, capaz de entender-se como ser inconcluso e passível de enganos, erros, mas que mantém, na dúvida e na dialogicidade, os pilares da busca pelo conhecimento. Esses conhecimentos vêm ao encontro dos interesses, não de um grupo ou classe, mas de interesses universais.

As questões são pertinentes e nos levam a refletir sobre as diferentes posturas e práticas pedagógicas e também sobre a forma como essas estabelecem o diálogo com as diferentes manifestações sociais e populares. Destaca-se, aqui, a posição dos trabalhadores em educação e da própria escola, como instituição, tendo como base de estudos a coerência entre teoria e prática.

## CONSIDERAÇÕES E DESAFIOS

Faz-se urgente refletir sobre os movimentos de resistência, a mobilização das populações e nas ecologias possíveis. Boaventura revela que um novo mundo é possível, onde seja possível o reconhecimento das diferenças, a busca de alternativas e a consequência das atitudes.

Para ocorrer a continuidade do processo é necessária vontade política e decisão e a não omissão do poder público. Este deve também assumir a responsabilidade nas questões educacionais, assim como todos os envolvidos no processo. Ensinar a ser humano, a lutar por uma vida mais justa e melhor, eis o grande desafio. A resolução de problemas educacionais necessita da aliança de vários protagonistas que fazem parte deste contexto.

Para Arroyo

a cidadania jamais será doação do Estado, pois é essencialmente uma conquista dos excluídos, através do exercício político, de lutas. A educação escolar, conseqüentemente, não confere cidadania a alguém que esteja dela excluído: é, ao contrário, o resultado de sua própria prática política, de lutas, e de inconformismos sociais (2003, p. 8).

Não se pode ignorar o passado e os caminhos já trilhados, mas é necessário ter a consciência que muito deve ser feito ainda.

É necessário ouvir as vozes que são silenciadas diária e historicamente. Olhar e ver além do que se encontra na superfície e, principalmente, possibilitar a emergência destes muitos que se encontram a mercê de uma lógica que privilegia poucos e excluem muitos. Exclusão que sufoca e mata. Morte por falta de condições mínimas de vida digna destes seres humanos que mesmo despossuídos, insistem em ser. Nesse sentido, perguntamos: as instituições de ensino podem ser espaços do diálogo, do desvelamento, da problematização e do ser mais com o outro? É possível essa instituição sem o seu olhar sobre o seu entorno? Em que medida é possível melhorar a educação formal, em termos de qualidade de ensino – entendida aqui como a melhora geral da capacidade de leitura e escrita, da criatividade, dos índices de aprovação e de um ensino que possibilite a análise crítica do contexto social – sem uma transformação nas estruturas sociais?

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Éster; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3a ed. Rio de Janeiro: 1996.

MARCUSE, Peter. Conversação sobre globalização em Porto Alegre. IN: CATTANI, Antonio David. **Fórum Social Mundial a Construção de um Mundo Melhor**. Petrópolis: Editora da Universidade/UFRGS/Vozes/Unitrabalho/Corag/VerazComunicação, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Sem Fronteiras*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventurae.html>>. Acesso em: 7 dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.